

Todos vão ver o Círio: as primeiras transmissões ao vivo da TV Marajoara¹

Regina ALVES²

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Este trabalho registra o início da relação entre a romaria do Círio de Nazaré e a televisão paraense, recuperando, através dos testemunhos de profissionais envolvidos e de pesquisa em jornais da época, as primeiras externas e transmissões ao vivo do Círio de Nazaré realizadas pela emissora associada TV Marajoara, em 1961, marcando o ingresso do evento religioso na categoria de acontecimento midiático estudada pelos autores Daniel Dayan e Elihu Katz.

PALAVRAS-CHAVE : Círio de Nazaré; TV Marajoara; Televisão; Transmissão direta; Acontecimento midiático.

1. Introdução

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré acontece todo segundo domingo de outubro, em Belém do Pará. A romaria, que conduz a imagem da Santa pelas ruas centrais da cidade, realiza-se desde 1793 e é o ritual mais importante da Festa de Nazaré, que se desenrola durante 15 dias, constituindo-se num complexo ritual, como o classificou Alves (1980), composto por vários eventos religiosos e profanos, como procissões, o almoço do Círio, apresentações artísticas e culturais e outros eventos que foram se agregando ao calendário da festa, notadamente nos últimos anos do século XX. A procissão principal começa às 7 da manhã, depois de vigília e missa na Catedral de Belém, e percorre 3,6 km. O tempo de duração mantém-se hoje em torno de cinco a seis horas.

Por sua polissemia e importância, que ultrapassa a dimensão religiosa, esta festa remete ao conceito de fato social total de Marcel Mauss (1974, p.41), uma vez que nela existem manifestações diversas: religiosas, econômicas, políticas, culturais, estéticas, midiáticas etc.

Ao falar sobre a função interpretativa da briga de galos em Bali, Geertz (1978, p.316) classificou-a como uma estória “sobre eles que eles contam a si mesmos”. Cabe a paráfrase

¹ Trabalho apresentado no Grupo Temático História da Mídia Audiovisual e Visual, que integra o 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia, realizados na Universidade Federal do Pará, nos dias 12 e 13 de novembro de 2012.

² Professora do Curso de Comunicação Social, Jornalismo, UFPA. E-mail: reginalves@yahoo.com.br.

para a Festa do Círio de Nazaré, quando a sociedade local se mobiliza, reúne-se e revela-se num rito que, no momento da romaria principal, chega a reunir dois milhões de pessoas nas ruas de Belém, segundo estimativa do Dieese-Pará (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos) e da Diretoria da Festa de Nazaré.

O Círio nasceu grandioso³, mesmo sem as proporções que assumiria ao longo de 220 anos de realização, mas, hoje os números aferidos pelo Dieese-Pará o legitimam como um fenômeno no quadro das festas religiosas do Ocidente. “Fizemos o maior Círio da história, novamente”, disse Roberto Sena, supervisor técnico do Dieese-Pará, ao apresentar o balanço de 2012⁴: a imagem percorreu 130 quilômetros e 400 metros, visitou dois Estados e Portugal. As onze romarias da quadra nazarena reuniram mais de 5 milhões de pessoas, 2 milhões somente no Círio. Vieram 76 mil turistas, em torno de 6% a mais do que em 2011. O impacto do efeito Círio na economia paraense foi de R\$ 850 milhões⁵. O orçamento da festa foi de R\$ 2.650.000,00.

Entre os principais fatores do crescimento do Círio de Nazaré alinha-se a visibilidade mundial obtida desde que a TV Liberal, afiliada à Rede Globo de Televisão, colocou a íntegra da transmissão ao vivo da romaria na internet, em 1997, prática logo seguida por todas as emissoras que cobrem o evento em Belém. Essa transmissão continua sendo um desafio para as emissoras, tanto pelas condições técnicas quanto pelo esforço jornalístico envolvido na narrativa de um evento de tão longa duração, nos limites do imprevisível. Este artigo⁶ busca resgatar o início da relação entre o Círio e a TV, nos anos 1960, quando os números da manifestação eram bem mais modestos⁷, recuperando a primeira transmissão da romaria, que marca seu ingresso na categoria dos acontecimentos midiáticos, típicos do contemporâneo.

Os acontecimentos midiáticos, segundo Daniel Dayan e Elihu Katz (1999), são momentos históricos televisionados ao vivo que atingem amplas audiências nacionais ou mesmo mundiais. São acontecimentos tão diversos como a chegada do homem à Lua, os Jogos Olímpicos, o funeral do presidente John Kennedy, as peregrinações do papa João Paulo II ou

³ Sobre o início da devoção e o primeiro Círio remeto a Alves (1980), Dubois (1953), Maués (1995), Rocque (1981) e Vianna (1905).

⁴ Coletiva de imprensa realizada na Arquidiocese de Belém em 29 de outubro de 2012, da qual participei.

⁵ Em 2011 esse impacto foi de R\$ 800 milhões

⁶ O texto é baseado em pesquisas realizadas pela autora para sua dissertação de mestrado e tese de doutorado (Ver referências bibliográficas).

⁷ Segundo dados estimados pelo Dieese-Pará e Diretoria da Festa, a romaria reunia cerca de 350 mil pessoas naquela década.

o casamento de Charles e Diana, para citar algumas coberturas estudadas pelos dois autores⁸. Com toda a diversidade entre eles, esses acontecimentos dão forma a um novo gênero de narrativa:

[...] que emprega o potencial único dos media electrónicos para exigir uma atenção universal e simultânea, com o objetivo de a fixar numa história que está a ser contada sobre a actualidade. Estes são os acontecimentos que envolvem o aparelho de televisão numa espécie de aura e que transformam o acto de assistir” (DAYAN E KATZ, 1999, p. 17)

Os exemplos estudados por Dayan e Katz são emissões internacionais, mas os autores ressaltam que “cada nação tem as suas”. Ao telespectador brasileiro podem ocorrer, entre outras, os funerais de Tancredo Neves e Ayrton Senna e “o maior espetáculo da terra”, o desfile das escolas de samba do carnaval do Rio de Janeiro. No Pará, é inevitável pensar no Círio de Nazaré, que a televisão começou a narrar em 8 de outubro de 1961, quando a TV Marajoara Canal 2, dos Diários e Emissoras Associados, de Assis Chateaubriand, inaugurada em 30 de setembro daquele ano, realizou sua primeira transmissão direta.

2. O Círio se torna imagem

Em outubro de 1961, o móvel da televisão na sala era um raro sinal de *status* em Belém e muitos dos privilegiados proprietários ligavam o aparelho às 18h30 e passavam meia hora vendo apenas o indiozinho que marcava o padrão de entrada da TV Marajoara no ar, até às 19 horas, quando começava o primeiro programa⁹. Poucos telespectadores escapavam de compartilhar o serão com algum “televizinho”, termo que se tornou comum à época e só desapareceu de todo quando a ampliação do crediário e o crescimento da indústria eletro-eletrônica nacional contribuíram para a popularização dos receptores¹⁰.

Desde os primeiros dias do mês, as anunciadoras¹¹ da TV Marajoara prometiam uma grande novidade para o Círio que se aproximava: a emissora ia fazer, no domingo 8 de outubro, sua primeira externa, a transmissão do Círio de Nazaré.

⁸ Recentemente, em 2011, pode-se citar o último casamento na Casa de Windsor, que uniu William e Kate, com audiência estimada em dois bilhões de pessoas, em 29 de abril, e a beatificação do papa João Paulo II, dia 1º de maio.

⁹ Prática relembra no depoimento de Rubens Onetti, repórter cinematográfico da TV Marajoara, concedido à autora em julho de 2001.

¹⁰ O Censo do IBGE de 1970, citado por Caparelli (1982) registra que em 1970 cerca de 23% dos domicílios brasileiros tinham TV e o percentual sobe para 43% em 1974. O autor registra, ainda, a prática de famílias do interior que, logo após adquirir o aparelho, cobravam ingresso dos vizinhos que queriam assistir algum programa.

¹¹ As anunciadoras faziam os anúncios comerciais – ao vivo – e também anunciavam a programação da emissora.

O paraense já estava acostumado a *acompanhar* o Círio pelo rádio. As transmissões da Rádio Marajoara, fundada em 1954, e da pioneira, a PRC-5 Rádio Clube do Pará, fundada em 22 de abril de 1928, atingiam o interior do Estado na voz dos melhores locutores de cada uma delas, que se esmeravam em narrar a grandiosidade e as emoções da procissão. Além de postos fixos, os locutores percorriam o trajeto em carros das rádios, o que lhes dava a oportunidade de reportar detalhes do percurso e fazer entrevistas com pessoas que acompanhavam a procissão.

Desde os anos 1950 as rádios já faziam externas, usando uma grande quantidade de fios, tomadas, microfones e linhas telefônicas bloqueadas para entrar no ar. Moreira (2001, p. 81) registra que, nessa década, a presença de repórteres transmitindo o “som real dos acontecimentos”, direto das ruas, era uma experiência marcante para o rádio brasileiro que, nos anos 1960, começava a contar com os gravadores portáteis minicassetes, favorecendo a agilidade no trabalho de externa.

Já a TV brasileira dos anos 1960 ainda era uma TV de escassa mobilidade: equipamentos muito pesados (uma câmera chegava a 70 quilos) e com poucos recursos técnicos, carros de externa valvulados, pois ainda não existia o transistor, enfim, limitações que desencorajavam a ação extra estúdios, restrita a eventos muito especiais. Essas condições eram mais precárias numa TV da Amazônia. Mas a TV Marajoara tentaria bater o rádio, pelo menos em seu raio de alcance, Belém, usando a grande e nova arma, a imagem, e os recursos de áudio que o próprio rádio lhe proporcionava. A emissora era beneficiada, também, pela localização de sua sede, no Largo de Nazaré, ponto de chegada do Círio, onde instalou o caminhão de externa, que só transmitia por cabos conectados à emissora (não existia *link* de microondas) enquanto outra câmera fazia tomadas do ângulo oposto.

O videoteipe RCA, usado nessa externa, media dois metros de altura e pesava em torno de 800 quilos. Era usado para exibir os teipes com os programas enviados do Rio de Janeiro pela Tupi, através de um “pombo-correio”, um funcionário que praticamente morava nos aviões, entregando teipes pelo Brasil. Belém era o ponto final da rota, que começava em Recife e passava por Fortaleza.

Infelizmente o registro dessa primeira transmissão se perdeu¹². Só é possível reconstitui-la com o testemunho de quem nela trabalhou¹³ ou através do noticiário do jornal A Província do Pará¹⁴, obtendo relatos fragmentados, como fragmentada foi a cobertura.

¹² Quando a Marajoara foi fechada, em 1980, a TV Guajará comprou o prédio, equipamento e acervo. Esse incluía filmes telecinados em U-Matic e transmissões dos Círios, de 1961 a 1979. José Paulo Costa, radialista

Destes relatos emerge a criatividade de quem fazia TV naquele tempo para driblar os obstáculos advindos das condições técnicas ainda incipientes. Às 7 da manhã, Rubens Onetti, o repórter cinematográfico da TV Marajoara filmava a saída do Círio da Catedral de Belém, usando uma câmera Paillard Bolex de 16mm. Ele usava 100 pés de filme (capacidade do chassi da câmera), o equivalente a 30 metros, e filmava os *takes* escolhendo-os cuidadosamente, de modo a garantir já uma pré-montagem. Feito isso, redigia uma decupagem do material filmado e despachava-o para a emissora, onde o filme era revelado e imediatamente colocado no ar. Todo o esforço rendia apenas dois minutos e meio de imagens, que é o tempo que se obtém de 100 pés de filme bem aproveitados.

A operação se repetia, sempre com 100 pés de filme, na peregrinação do repórter cinematográfico por mais cinco pontos do percurso da procissão, com direito a imagens “aéreas” do foguetório dos estivadores à passagem da berlinda, que a câmera registrava do alto de um prédio próximo. No Largo de Nazaré, as duas únicas câmeras do estúdio estavam no ar, com repórteres posicionados próximos a elas, atentos à movimentação do largo, informando a posição da romaria e entrevistando autoridades e romeiros. Os repórteres entravam no ar a chamado do narrador principal da transmissão, que ficava perto da câmera, até mesmo em cima do carro de externa, protegido da multidão. Ele funcionava como o fio condutor da transmissão, inclusive anunciando a entrada dos filmes no ar.

Ainda não se contava com a lente *zoom*, mas uma das câmeras RCA era equipada com uma torre de lentes - uma teleobjetiva de 300 mm, uma lente grande angular de 23 mm e uma teleobjetiva de 500 mm - que permitia mostrar a procissão quando a três quadras de distância.

O filme era mudo e o primeiro Círio da TV só não foi ao ar assim devido aos sonoplastas treinados na escola das radionovelas da Rádio Marajoara, que trilharam as imagens usando músicas e ruídos, como os de fogos, por exemplo, para que a homenagem do sindicato dos estivadores à Santa conservasse, na telinha, um pouco da vibração do ao “vivo”. Essa técnica de efeitos sonoros, consagrada pelo rádio, permitia o reforço dramático às imagens daquela época, principalmente se observado que esses filmes não contavam com texto em *off* do repórter. A sonoplastia não foi a única herança do rádio na primeira transmissão do Círio pela TV: os repórteres – que vinham do rádio – descreviam as cores das

que trabalhou na Guajará, informa que em 1987, por ordem da direção da emissora, as fitas foram reutilizadas para gravação de novelas, perdendo-se totalmente os primeiros registros televisuais do Círio.

¹³ Agradeço as informações de Abílio Couceiro e Rubens Onetti, jornalistas que participaram das primeiras transmissões do Círio, bem como do técnico Jurandir Miranda. As entrevistas foram concedidas à autora em junho, julho e agosto de 2001.

¹⁴ O jornal fazia parte do grupo dos Diários Associados no Pará, assim como a Rádio Marajoara.

flores da berlinda, do manto da Virgem, para os telespectadores que só podiam ver um Círio em preto e branco.

A TV Marajoara, na verdade, só mostrou ao vivo os momentos finais da romaria. Na matéria jornalística, na programação e no anúncio publicados em páginas nobres de A Província do Pará de 8 de outubro de 1961, a emissora anunciava o início de sua transmissão às 10 horas, quando a romaria, iniciada às 7 horas, já estava quase chegando à Basílica de Nazaré. Os 15 minutos dos *flashes* do repórter cinematográfico não eram “ao vivo”, não tinham simultaneidade com o que estava se desenrolando no espetáculo de referência. Logo, externa, que pressupõe tempo presente, ou tempo real, só aconteceu quando as câmeras fixas, uma de cada lado da Avenida Nazaré, mostraram a expectativa da chegada, a partir das 10 da manhã. E, para deixar isso bem claro, a programação do Canal 2, publicada na primeira página do jornal, diz, textualmente, que iria ao ar uma *transmissão externa de aspectos do Círio* (grifo meu)

A programação também mostra que aquele foi o primeiro dia em que a TV ampliou seu horário, entrando com o padrão no ar excepcionalmente às 9h30. À noite foi exibida uma reportagem sobre o Círio, de 19h30 às 20 horas, antes do segundo capítulo de “Memórias de Winston Churchill”, série de sucesso patrocinada pela Shell, parte do primeiro pacote de enlatados enviado pela TV Tupi.

A matéria jornalística, editada na contracapa do terceiro caderno do jornal, destaca a externa em si, no título “1ª reportagem externa da TV Marajoara, hoje” e, no subtítulo, esclarece que será o Círio o objeto da transmissão, anunciando que à noite seria apresentada uma “filmagem retrospectiva” da romaria daquela manhã e de anos anteriores, enfatizando, ainda, que se tratava de um “brinde das três lojas RM¹⁵ ao povo cristão do Pará”.

O *lead* da matéria reforça o “brinde especial e exclusivo” do patrocinador¹⁶, mencionado também no *sublead* quando é anunciada a apresentação da retrospectiva, com “os detalhes mais interessantes ou mais comoventes” do Círio. O terceiro e último bloco da matéria explicita quem era o público alvo da externa: “aqueles que não puderem sair de casa e aqueles que assistirem de casa à passagem do Círio”, classificado

¹⁵ RM eram as iniciais de Romulo Maiorana, empresário que 15 anos mais tarde inauguraria a TV Liberal. As Lojas RM eram uma rede de sete lojas de vestuário e calçados, no centro comercial de Belém, que inovaram em decoração, sistema de vendas e marketing. Em 1966 ele comprou o jornal O Liberal, iniciando o que se tornaria um dos maiores grupos de comunicação do país, as Organizações Romulo Maiorana. O jornalista morreu em 1986, aos 62 anos.

¹⁶ A transmissão do Círio era muito importante na captação de recursos publicitários para a emissora. Essa importância é ressaltada por diversos entrevistados que fizeram as primeiras transmissões na Marajoara. Hoje o Círio continua sendo ocasião de grande faturamento comercial para as emissoras de TV.

como “impressionante espetáculo de fé cristã, que pela primeira vez será mostrado numa tela de Tv”.

A exibição noturna do que hoje se chamaria de compacto ou de melhores momentos do Círio, permitia que os participantes da festa matinal pudessem revivê-la, em novo e inédito nível de participação e presença, como telespectadores, até se reconhecendo nas imagens, quem sabe?

Verifica-se, então, que a TV se apressava a reivindicar para si a condição de principal mediadora do “espetáculo” que já era considerado “impressionante”, embora, no discurso da notícia, ainda restrito aos cristãos. Os que professam a fé cristã eram os destinatários do “brinde,” a transmissão, reconhecendo-se nas cenas que se desenrolavam ao longo do Círio duas qualidades essenciais para que o espetáculo atraísse o olhar do telespectador, mesmo não-cristão: interesse e emoção, proporcionados amplamente pelas características que faziam e fazem do Círio uma romaria ímpar.

No anúncio publicado pelas Lojas RM na página 3 do primeiro caderno do jornal, sob o título “RM e TV se associam para que todos vejam o Círio”, o patrocinador classificava a transmissão como um “serviço de utilidade pública” em homenagem à Padroeira do paraense.

Nesse anúncio, mais claramente do que na matéria jornalística, a TV exprimia, com relação ao Círio, sua promessa de (con)fundir/abolir os espaços da casa, onde estava retido o fiel, e da rua onde se desenrolava a festa, teletransportando, ao mesmo tempo, o evento para a cena da casa e o fiel para a cena da rua, “milagre” possível por sua conversão em *telespectador* de um espetáculo que ele estaria privado de ver de outro modo. Veja-se o segundo parágrafo, do anúncio:

É a primeira vez na história do Pará que, todos os que aqui moram, podem vêr o Círio. Mesmo os enfêrmos, mesmo os que não podem caminhar, mesmo os anciãos que não mais saem à rua, todos vão ver o Círio – e comungar com os romeiros do mesmo sentimento de fé que, neste dia, é o denominador comum da gente paraense (RM E TV SE ASSOCIAM PARA QUE TODOS VEJAM O CÍRIO, 1961).

A TV passava a conferir ao Círio uma visibilidade inédita: “todos vão ver o Círio”. A inédita experiência do Círio televisual era anunciada como uma nova possibilidade para “todos os que aqui moram”, mesmo que o recorte posterior do texto admitisse que somente a doença, a invalidez e a velhice poderiam, naquele dia tão especial, afastar o devoto da convivência com a Santa, que se dá no espaço da rua.

A TV firma a promessa de que essa convivência, até então impossível a não ser na realidade contígua, passava então a ser reconfigurada na *televivência*, que Rubim (2000, p.37) define como “uma vivência à distância, descolada do lugar e desprendida da presença” característica do cotidiano contemporâneo, permitindo a inclusão do telespectador à comunhão dos romeiros que ele via desfilar na tela, restituindo-lhe, dessa forma, o pertencimento à sua gente, integrando-o ao mais forte discurso identitário da gente paraense, que se expressa na fé.

Naquele Círio de 1961 instalou-se a mediação do aparato técnico da TV entre o acontecimento e sua formulação simbólica. A simultaneidade entre a romaria e sua apresentação na tela faz da mediação da TV um marco na história do Círio. Até então, só era possível assistir a filmes do Círio, sem som direto, ou seja, sem áudio ambiente, nos cinejornais locais que Milton Mendonça, um pioneiro do cinema paraense, exibia nas casas do circuito Severiano Ribeiro.

O primeiro registro que a TV fez do Círio foi incompleto, pelo que se depreende dos relatos, mas através deles também se percebe que já existia, nessa primeira aproximação, a tentativa de narrar o Círio na perspectiva de um gênero televisual, a transmissão direta, quando a TV trabalha para construir um espetáculo sobre o espetáculo de referência, ou seja, operando sobre ele, tentando construir um Círio sob a égide de suas leis. A TV captura aspectos do Círio, que são descontextualizados e recontextualizados através da montagem e da junção entre o material filmado e o ao vivo, buscando construir um sentido nessa narrativa através da intervenção do narrador principal. Um processo que, em essência, é seguido até hoje.

Nesse primeiro contato com o Círio, a TV se aproximou do evento, ainda que com debilidade técnica, mas exercendo a escolha do que seria mostrado, do *mais interessante ou do mais emocionante*. Ela não hesitou, por exemplo, em “produzir” som sobre o silêncio do filme para que esse fosse exibido de forma mais atraente e adaptada às características do meio. Nessa externa evidenciou-se a marca que até hoje permanece nas transmissões televisuais do evento: a capacidade técnica da emissora dita o que é possível fazer e isso faz com que essas transmissões sejam marcos de evolução tecnológica para as TVs de Belém.

A compra de equipamentos mais modernos permitiu à TV Marajoara agregar novos elementos à sua narrativa do Círio. A partir da terceira transmissão, em 1963, Rubens Onetti já usava filme sonoro, o que permitiu a entrada do repórter também nos trechos filmados da romaria. Formou-se a dupla repórter e cinegrafista, embora, como o chassis da câmera

continuasse limitado a 100 pés, o repórter só pudesse participar do filme por no máximo 40 segundos.

Pouco depois, a TV passou a contar com uma câmera Aurikon, com dois chassis de 400 pés. Com isso, a autonomia de filmagem subiu para 20 minutos, o que permitiu um alongamento das tomadas e a cobertura de um maior número de pontos, embora continuasse sendo necessário despachar os filmes para a TV, onde eram revelados e montados antes de ir ao ar. Esse sistema perdurou enquanto foram usadas as câmeras de cinema.

Os testemunhos dos que trabalharam nas transmissões dos anos 1960 na TV Marajoara apontam - como é comum em depoimentos sobre os primeiros tempos da TV onde quer que ela tenha se instalado - para o primado do improvisado, técnico e jornalístico, inclusive porque, no segundo caso, ainda não existiam a produção e o *script*.

Para falar da história do Círio, os repórteres da TV Marajoara naquela época, segundo o jornalista e publicitário paraense Abílio Couceiro¹⁷, recorriam ao resumo publicado no jornal impresso do dia, que muitas vezes liam textualmente. O curto raio de ação permitido pelas câmeras, microfones e cabos de áudio e vídeo e, ainda, a falta da figura do produtor para auxiliar os repórteres, faziam com que os entrevistados fossem os que estivessem mais próximos: “cientista, antropólogo, o povo, os que estavam andando, estavam passando”.

A partir de meados da década de 1960, a TV já contava com uma microondas¹⁸ e era possível mostrar ao vivo a saída do Círio da Catedral, *lincando* essa microondas da igreja para a torre da TV Marajoara. Assim que a procissão saía do alcance da câmera, o sistema era desmontado e transportado para o Largo de Nazaré, onde a TV mostraria a chegada da romaria. Os filmetes continuavam a ser o registro possível dos outros pontos do percurso. Por causa de problemas na microondas, aconteciam quedas de áudio ou de vídeo e, no primeiro caso, havia o recurso de jogar o áudio da Rádio Marajoara sobre as imagens da TV, o que resultava, algumas vezes, em falta de sincronismo entre a fala do locutor e as imagens mostradas na tela. Mesmo sendo o Círio dos anos 1960 bem menos concorrido em relação ao de hoje, a cobertura já apresentava uma dificuldade que se ampliou muito, a da segurança de equipamentos e profissionais, que poderiam ser arrastados pela multidão, especialmente em momentos como o da chegada da romaria à Basílica de Nazaré. Naqueles anos, os promesseiros da corda entravam na basílica para depositar a corda aos pés do altar e essa entrada era muito tumultuada.

¹⁷ Entrevista concedida à autora em junho de 2001.

¹⁸ Um TV1 da RCA, o primeiro modelo usado no Brasil, ainda valvulado.

O jornalismo, por sua vez, passava a contar com a figura do comentarista, quase sempre um religioso, que se juntava ao narrador, no estúdio. O departamento técnico trabalhava com pelo menos um mês de antecedência, preparando grande quantidade de multicabos (cabos com muitos fios) para as câmeras que seriam usadas no Círio.

No início dos anos 1970 a Marajoara recebeu reforço de equipamentos de outras emissoras associadas, especialmente para o Círio. Junto com as primeiras câmeras de TV portáteis da marca Sony já adquiridas, a TV passou a contar com uma microondas emprestada pela TV Tupi, que permitiu a instalação de um novo ponto de transmissão e proporcionou as primeiras imagens coloridas da queima de fogos promovida pelos estivadores, mostradas do alto do mesmo prédio onde se postava, na primeira externa de 1961, o cinegrafista com sua câmera. Essa microondas adicional permitiu a ampliação dos “aspectos” do Círio que a TV mostrava ao vivo. Já era possível manter por mais tempo as imagens da saída da romaria, sem necessidade de desmontar o equipamento às pressas, obter imagens da queima de fogos e de um outro grande trecho da procissão e, finalmente, mostrar a chegada. O corte em pingue pongue entre as três câmeras era usado, então, não apenas para dar ritmo, mas principalmente para cobrir claros da transmissão, já que havia poucas câmeras.

Os pontos de transmissão ao vivo ampliaram-se para cinco quando, na metade dos anos 1970, formava-se, apenas no dia do Círio, a Rede Paraense de Televisão, um *pool* que reunia a TV Marajoara e a TV Guajará, esta oferecendo o que era, até então, a visão mais verticalizada do Círio, pois montava uma câmera no terraço de sua sede, no 25º andar do edifício Manuel Pinto da Silva, o mais alto de Belém à época, num dos pontos mais críticos do percurso, quando a romaria enfrentava a curva da Praça da República para entrar na Avenida Nazaré, sendo frequentes - como ainda são - atropelos e quedas de romeiros.

3. Considerações finais

Alguns anos depois, chegava ao fim o tempo da TV Marajoara. Ela era uma exceção na Taba Associada, onde a maioria das emissoras - começando pela Tupi do Rio - vivia às voltas com dívidas na Previdência Social, salários atrasados e falta de anunciantes, mas mesmo assim acabou fechando, na esteira da cassação de concessões da Tupi pelo governo do presidente João Batista Figueiredo, em julho de 1980. A Rede Tupi conservou poucas emissoras e a maioria foi rateada entre o Grupo Bloch Editores, originando-se a Rede Manchete, que opera de 1983 a 1999, e a TV SBT Sílvio Santos Ltda, que ficou com a Marajoara, entrando no ar a partir de 1981.

No final da década de 1960, seguindo a tendência nacional, a TV Marajoara deixou de produzir programas para receber apenas enlatados e teipes da Tupi. Ao fechar, após uma grande mobilização de seus funcionários que comoveu a cidade, a Marajoara só mantinha, como programação local, o jornalismo e a transmissão ao vivo do Círio de Nazaré.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Isidoro. **O carnaval devoto**: um estudo sobre a Festa de Nazaré em Belém. Petrópolis: Vozes, 1980.

ALVES, Regina. **Círio de Nazaré**: da taba marajoara à aldeia global. Dissertação (Mestrado). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2002.

_____. **O manto, a mitra e o microfone**: a midiaticização do Círio de Nazaré em Belém do Pará. Tese (Doutorado). Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1982.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. **A história em directo**: os acontecimentos mediáticos na televisão. Coimbra: Minerva, 1999.

DUBOIS, Florencio. **A devoção à Virgem de Nazaré em Belém do Pará**. Belém: Imprensa Oficial, 1953.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

MAUÉS, Raymundo Herald. **Padres, pajés, santos e festas**: catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

MOREIRA, Sônia V. 1951-1971: duas décadas decisivas para o rádio brasileiro. In: São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura. Departamento de Museus e Arquivos. Divisão de Arquivo do Estado. *Arquivo em imagens*. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2001. p. 79 - 102.

¹ reportagem externa da TV Marajoara, hoje. *A Província do Pará*. Belém, 8 out. 1961. Caderno 3, p.10.

RM e TV se associam para que todos vejam o Círio. *A Província do Pará*, Belém, 8 out. 1961. 1º Caderno, p.3 [anúncio publicitário]

ROCQUE, Carlos. **História do Círio e da Festa de Nazaré**. Belém: Mitograph, 1981.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Comunicação e política**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

VIANNA, Arthur. **Festas populares do Pará: I - A Festa de Nazareth**. Belém: Typographia de Alfredo Augusto Silva, 1905.